

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116

Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2463

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 11 DE DEZEMBRO DE 1926

Exposição de doutrinas

Vem publicando *A Batalha* uma série de artigos estruturalmente doutrinários nos quais os seus autores têm tido o cuidado de não fazer alusões pessoais visto que as pessoas, por maior consideração que nos mereçam, pouco ou nada valem em relação às doutrinas.

Somos dos que entendem que a exposição serena de pensamentos é sempre útil. Há, porém, quem contenda exposição de pensamentos com discussão sectária na qual entrem mais as qualidades ou defeitos dos contendores do que as ideias a expandir. Esses terão a liberdade de tornar pública a sua maneira de pensar em toda a parte, excepto na *Batalha* que é e deve continuar a ser um órgão de defesa e orientação do proletariado e não um ring de prosódia pugilística.

Os artigos doutrinários que temos publicado são da autoria de pessoas que, embora divergentes em tendências revolucionárias, sabem expor com clareza e correção o que pensam. Embora seja lamentável que nem toda a gente saiba manejar a pena com a mesma facilidade, o certo é que não nos parece razoável que todos se julguem habilitados a escrever e pretendam ocupar as nossas colunas com arrazoados animados, é certo, de esplêndidas intenções mas nublados e incompreensíveis na sua contextura. Publicá-los assim é prestar dois maus serviços: aos autores dos artigos, que não vêm afinal defendidos como querem os seus pontos de vista, e ao proletariado que não encontrará neles subsídios para a sua educação revolucionária.

Também não podemos, nem devemos—como facilmente se depreende—permitir que na *Batalha*, órgão dos trabalhadores que tomaram nos seus congressos determinadas orientações revolucionárias e doutrinares, se contrariem ostensiva e sectariamente essas doutrinas. Se a exposição desapaixonada de certos pontos de vista divergentes pode ser útil e tolerável, o ataque cerrado aos pontos de vista básicos por que se norteia actualmente a Organização Operária, além de um contra-senso inadmissível, constituiria um perigo para a própria estabilidade da luta operária.

Somos tolerantes, mas não somos transigentes perante princípios que contrariam fundamentalmente a missão de que nos incumbimos.

Notas & Comentários

Do Arco do Cego

Está a chegar a Lisboa o dr. Fernando Emídio da Silva, director do Banco de Portugal, que tão linda figura fez na Haia, e no Diário de Notícias, e a propósito sabe o leitor como é conhecido este cavalheiro? O Argus... do Arco do Cego, isto porque o Argus da mitologia tinha com olhos, e este só tem um — o do... Cego.

A melhor protecção

«O fascismo e ele» poderia ser o título de uma série de entrevistas que o autor de «Gabriel d'Annunzio e eu» está mandando de Itália para um jornal da manhã. Ontem entrevistava um ministro fascista, autor do decreto da pena de morte naquele país. E a dispendida altura, o entrevistado afirmava: «Parece uma ironia, mas não fundo, é uma lei de protecção aos criminosos...» Como se não houvesse melhor maneira de proteger um indivíduo sendo mandando a barba.

Barbaros!

A política aprende anteontem em casa de vários passarinhos inúmeros pássaros cegos. Mas a cegueira dos animais não era natural, era provocada pela barbaridade dos homens, que lhes queimavam a vista para obrigá-los a cantar melhor. Imagina-se facilmente o sofrimento das pobres aves que tiveram a má sorte de nascer num século em que os homens, não contentes de se guerrear uns aos outros, ainda investem sobre as aves canoras que são tão ou mais inocentes do que as mais inocentes crianças.

A situação na China

O capitalismo mundial inquieto

XANGAI, 10.—O novo ministro britânico na China conferenciou em Hankow com alguns dos dirigentes cantoneses. O ministro dirigiu-se a Hankow no intuito primário de verificar a situação no vale do Yang-Tse, e discutir com as autoridades consulares britânicas de Kiu-Kiang e outros pontos, as condições de vida locais. Afirma-se que Saburi, que foi delegado japonês à recente conferência extra-territorial, se encontra também em Hankow, e em estreito contacto com o ministro britânico. As condições de vida nesta última cidade são praticamente as normais, tendo os elementos extremistas sido contidos pelas autoridades cantonesas.—(L.)

Lede o Suplemento de A BATALHA

OS PRESTAMISTAS

Apesar da nova taxa de juros sobre penhores continua a desenfreada e criminosa exploração de uma caterva de ambiciosos que vivem há muitos anos da miséria humana

Um episódio muito significativo—Juros de 100 o/o ou a perda dos tristes haveres—O Banco dos Pobres ou um grande manancial—A «Conta Nova» e o jogo de um grupinho—E o mais que o leitor encontrará com vagar e atenção

Uma noite destas, quando a redacção iniciava a sua faina nocturna, uma cabeça feminina, já grisalha, assomou à porta e em débil voz inquiriu:

—V. ex.ª dá-me licença?
A palavra sacramental não demorou:
—Entre!

A nossa visitante era uma senhora regularmente vestida, acompanhada de uma menina gentil, e nas suas expressões havia laivos de tragédia.

—De quem se tratará?—preguntávamos intimamente.

Era uma vítima dos penhoristas. A pobre senhora encontrara na campanha da *Batalha* a melhor defesa desta legião de vítimas que engorda há muitos anos esses sanguessugas.

Vinha narrar-nos a sua odisséia, feita de dor e de miséria. Um dia o vendaval do infortúnio assolou a sua existência. E essa senhora recorreu ao «prego»! Acolheu-se a uma protectora do prestamista. Primeiro foi um pequeno objecto, depois um outro e quasi em torrentes se seguiram algumas peças de roupa, de mobiliário de tudo quanto por momentos se pudesse dispensar.

O seu algar foi um cavalheiro ali da rua Morais Soares. Passados meses o resgate desses objectos começou a preocupar as atenções do mutuário. Mas como proceder a essa melindrosa operação se as causas que a levaram ao «prego» subsistiam ainda?

Viu uma ideia: esperar mais seis meses. Mas os dias passavam numa cavalgada diabólica. Outros meses vieram e o montante de juros era elevado.

O Destino obrigara a nossa visitante, que a seu pedido omitimos o nome, a levar tudo para o mutuante, que lhe entregara a importância de 3.850\$00. E o resgate enquanto importaria?

—Dez contos!—asseverou-lhe o prestamista.

Onde iria essa senhora arranjar 10.000\$00 se o Destino persistia na sua crueldade? Tentou novo recurso: resgatar parcialmente os seus haveres. O prestamista, porém, lá estava à espreita. Não largava a presa. E quando ela lhe perguntou enquanto importaria o resgate de um grupo de 21 peças que estavam empenhadas em 600.00\$0

—Não descanse *A Batalha* na sua campanha. Há muitos infelizes, como eu, que estão nas garras desses abutres. A defesa da *Batalha* é por isso mais do que conveniente—é necessária!

Este episódio, não teria razão de ser trasladado para a letra de imprensa se não significasse e bem eloquentemente um quê da exploração desenfreada dos penhoristas.

O recente decreto não os intimidou. O governo estabeleceu o juro de 18 % ao ano, mas esses cavalheiros—de que é um pálido reflexo o prestamista da rua Morais Soares—estabeleceram o juro de 150 % e mais ao ano, como acabou de notar o leitor.

O pobre mutuário, não podendo esquivar-se à exploração do seu algar, entregara-se. A Casa de Penhores está para muitos desgraçados como a Farmácia para os doentes. Vão lá quando não pode deixar de ser.

Porisso abuse-se sem rebuço. Porisso endossa-se um juro de 15 % ao mês, quando não é mais, Os prestamistas, por todas

essas razões, fazem o que lhes dá na real gana.

Alegam os prestamistas que não podem manter-se com o juro de 18 %, ao ano, estabelecido pelo recente decreto. Na representação publicada em quasi todos os jornais refulsa-se em frases ocas a argumentação daquele diploma.

—Ao conhecimento dos leitores trazemos hoje um facto deveras edificante e que destrói a parva contestação dos penhoristas. Ei-lo:

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

essas razões, fazem o que lhes dá na real gana.

Alegam os prestamistas que não podem manter-se com o juro de 18 %, ao ano, estabelecido pelo recente decreto. Na representação publicada em quasi todos os jornais refulsa-se em frases ocas a argumentação daquele diploma.

—Ao conhecimento dos leitores trazemos hoje um facto deveras edificante e que destrói a parva contestação dos penhoristas. Ei-lo:

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

Pois como se não fosse o suficiente a gerência de 1925 propôs a uma assembleia que se realizasse há dias que a verba de 13.360\$99,5 — *Conta Nova* — se destinasse aos três directores, José de Oliveira, David Cesar Costa e Constantino Pedreira e aos membros do Conselho Fiscal. E diz: para o sr. José de Oliveira, além das «insignificâncias» a que acima se fez referência, ainda iriam mais um posinhos...

A assembleia, a acreditar no que nos disseram, não aceitou esta distribuição. Pela segunda vez regeitou os desejos do sr. Oliveira.

Não quer, porém, isto dizer que a pretensão dos três directores seja posta de parte. A *Conta Nova* sorri-lhe... E há de esforçar-se para a reivindicar.

Mas isto não fica por aqui. Há muito a referir e o não acaba hoje...

O Banco dos Pobres é uma sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96 assim distribuído: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$86; lucros líquidos, 37.746\$79,5.

Cincoenta por cento das acções do Banco dos Pobres pertencem a um dos seus directores, o sr. José de Oliveira, cabendo-lhe por esse motivo 40 % do dividendo, o que é já uma continha muito calada. Além disso pequeno lucro o referido director tem ainda uma gratificação anual de 3 ou 4 contos.

ANGOLA E METRÓPOLE—BANCO DE PORTUGAL

A condenação de Marang equivale a uma retumbante absolvição

O reconhecimento da boa fé do rei é uma bofetada sem mão nos Inocências e a queima das notas do Banco de Portugal é como se com elas ardesse o crédito do Estado burguês

O telegrafo trouxe-nos ontem esta notícia sensacional:

HAIA, 10.—O tribunal da Haia pronunciou esta manhã a sentença do julgamento de Marang Ysselveere, implicado no escândalo do Banco de Angola e Metrópole, condenando-o a onze meses de prisão, descontando, porém, a prisão preventiva, que é precisamente de onze meses

Teatro da Trindade
TELEF. T. 573
Companhia LUCILIA SIMÕES-ERICO BRAGA
HOJE — às 9 1/4 da noite — HOJE
A representação da comédia em 4 actos de George Sand, trad. de Ramalho Ortigão.
O Marquês de Villemor
A peça mais encantadora de todos os tempos.
Nos principais papéis LUCILIA SIMÕES, Amélia Pereira, Maria Sampião, Irene Ladeira, Erico Braga, Joaquim Almeida e Samuel Diniz.
Cenários de Campos & Oliveira e Luz & Almeida.
BILHETES À VENDA
Venda de bilhetes sem locação — Fautentes nota a plateia e balcões de 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º. Camarotes: 1000, 500 e 2000.

O AMOR DE D. JUAN

Sob a ameaça de uma querela

COIMBRA, 9.—A notícia publicada em *A Batalha* do dia 4, acerca dum grosso escândalo provocado nesta cidade pelo *donjuanismo* de certo André Dias da Silva, cultivador de passarinhas, teve o condão de provocar grande celeuma. Acusados aquele cavalheiro de há bastante tempo, não obstante ser casado, vir dando pasto às «mãs-línguas» da vizinhança com infracções do sexto mandamento.

Acusado-lo de espancar a pobre esposa traidora, por esta, tendo-o surpreendido a corresponder-se com a mulher dum vizinho, ter admoestado asperamente aquela que a vinha preterir no coração do esposo perjurado. Acusado-lo de sugerir à sua cortejada uma queixa de sua esposa para o comissariado de polícia—onde ele estaria!...

O certo, porém, é que o «D. Juan» encontrou protecção, providencial amparo que o livrou de desastrosa quebra, em certo prelo coimbrão que dele benediz—se certas notas officiosas não são para «xé-tans» ver...

E contra nós agita-se, agora, no ar o espantoso da querela, enquanto a «miopia» da censura faz morder de raiva certos «mussolinis» provincianos...

Enfrentando, ao mesmo tempo que por um lado nos avisam de que atrás da porta do seu poderio está de guarda à sua reputação o papão da querela—por outras vias mandam-nos, subrepticamente, parlamentários a propor-nos que cheguemos a uma plataforma, a um acordo...

Temos sorriso do tal papão e dos tais «ingênuos» parlamentários.
De tudo quanto afirmamos tomamos inteira responsabilidade. Nada nos há de bater, contritivamente, no peito o «mea culpa» de clássica memória.
Sabermos provar nos tribunais todas as nossas acusações—aquelas que até aqui fizemos e aquelas que nos levaram a fazer. E o sr. André ver-se há em calças pardas... Virão, então, a público factos burlescos que fazem gargalhar e atitudes descorridas que revoltam, de mistura com episódios que enojam.

E, depois, o sr. André talvez conclua que lhe teria sido melhor deixar livremente os iconoclastas darem-lhe alfinetadas, não se dando por achado—e retirar-se pacatamente ao remanso do seu 2.º andar, onde deveria ter ficado tratando de passarinhos, para se não expor ao riso irreverente que no público devem provocar as suas admoestações officiais—aqueles que trajam calças brancas...—R. I. P.

Na Caixa Económica Operária

Uma interessante festa popular
A Caixa Económica Operária com sede na rua Vez do Operário promove hoje uma interessante festa com o concurso do cultivador da trova popular Manuel Portugal.

O espectáculo, que principia às 9 da noite, tem o seguinte programa:

1.ª parte: Por deferência com o promotor, João Linhares Barbosa abre o saraú com um recitativo poético, com também duas palavras alusivas ao fado pelo poeta Raúl Correia, e um acto de variedades por amadores e amadores da arte de Thalma.

2.ª parte: Variações à guitarra pelo guitarrista Salvador Freire acompanhado à viola pelo violista Georgino de Sousa. Seguindo o elenco dos mais apreciados poetas populares, José Junca, Aníbal Duarte, José Bacalhau e Albino Alves e o Grémio Literário Amadores do Fado, os srs. José dos Santos, Manuel Ferreira e Fernando Roque.

3.ª parte: Tangendo a sua guitarra em diversos trechos do fado far-se-á ouvir a gentil menina Virgínia Peres acompanhada à viola por seu pai, Amadeu Peres, fazendo-se ouvir de seguida os cultivadores Raúl Pinto, Alfredo dos Santos, José Júlio, Raúl Jacob, Estanislau Cardoso, Mário Martins e Vitorino Luis.

4.ª parte: Variações à guitarra pelo apreciado detilhador Francisco Barata, acompanhado à viola por Júlio Correia.
Continuando a Canção Nacional por Joaquim Campos, Raúl Brinquê, Júlio Proença, Raúl Ceia, Alfredo Duarte, Arnaldo Tavares, Reinaldo Varela, e no género jocos far-se-á ouvir o apreciado poeta Armando Barata e os cultivadores do mesmo género José Ribeiro, Carlos Ribeiro e Joaquim de Lima.

Os acompanhamentos serão feitos para o fado pelos srs. Américo dos Reis, Domingos Gomes e Francisco Pereira da Silva, guitarristas, acompanhados pelos seus viciados srs. José Mendes, Américo Moita e Joel Barradas.

A quem achar

Maria Joaquina, lavadeira em Leões, perdeu, desde a estalagem dos Camilões ao Rossio, uma carteira com cerca de 400 escudos. A pobre mulher ficou aflitíssima, pois, perdeu o seu único recurso. Quem tiver achado a carteira, cometeria um acto cheio de beleza e generosidade entregando o dinheiro à desolada mulher, ou na administração deste jornal.

Purgações

Prostatites

Curam-se radicalmente na Farm. Ultramarina, R. de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigos e recentes, curam-se sempre.

Teatro Maria Vitória
(PARQUE MAYER)
TELEF. N. 3644
Direcção artística de ROSA MATEUS
HOJE: 2 sessões às 20,30 e 22,30
com a deslumbrante e espirituosa revista em 2 actos e 12 quadros
TARIFA 1
FÉRICOS SCENARIOS
BRILHANTE E ARTISTICO CONJUNTO
—O mais alegre e brilhante espectáculo—
da actualidade
PREÇOS POPULARES

EM BARCARENA

Duas interessantes festas de solidariedade e confraternização

Hoje e amanhã realiza-se em Barcarena, organizadas pela direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários, grandes festas de solidariedade e confraternização às quais prestam o seu concurso um grupo de artistas do exército, de Lisboa, alguns amadores dramáticos e vários cultores da canção nacional.

Para o espectáculo de amanhã, que principia às 21 horas, foi escolhido o seguinte programa:

1.ª parte: Concerto pelo apreciado «Trio» Cesar de Oliveira, Raúl Urbano e Mário Rodrigues; conferência alusiva ao acto pelo conhecido militante operário João Luis.

2.ª parte: Representação da engraçada comédia em 3 actos «O do padre», canção nacional pelos cultores do fado Joaquim Campos, Júlio Proença, Raúl Pírio e Alfredo dos Santos, sendo os acompanhamentos à guitarra feitos por Miguel Freire.

3.ª parte: Saraú dançante, ténue de manha, com o concurso do Trio Musical e Banda dos Bombeiros Voluntários.

Para as festas de domingo escolheu-se o seguinte programa:

1.ª parte, às 14 horas: Provas de exercícios de aproveitamento dos voluntários, ministrado pelo instrutor sr. Cesar Augusto Esteves, com a assistência de várias entidades oficiais. Depois do exercício todas as colectividades representadas com os seus estandartes e bandeiras formarão em cortejo para a sede, onde se realizará uma sessão solene para a posse dos novos comandantes. Nesta sessão fará uso da palavra, entre outros oradores, o professor sr. Manuel da Silva.

2.ª parte, às 16 horas: Concerto pela Banda dos Bombeiros Voluntários de Colares; às 18 horas: concerto pelo grupo musical 1.º de Dezembro, de Queijas; às 20 horas: grandioso baile com o concurso dos amadores musicais excursionistas de Porto-Salvo.

Secção telegráfica

C. G. T.

SECRETARIADO DE ASSISTENCIA JURIDICA

Mineiros de São Domingos—Sobre os casos do pastor e pescador da Eirinha estamos aguardando informes do tribunal dos árbitros, para vos responder convenientemente.

Rural de Elvas—Idem.

C. S. T. do Pôrto—Sobre vossa offição de 24 de p. p. o advogado ficou de colher os necessários informes na direcção geral das prisões. Sobre o offício de 4 do corrente vamos responder.

Federações

MOBILIARIA
Sindicato de Faro—Recebemos offício, vamos responder.

Sindicatos do Pôrto, Coimbra e Gonçalo—Respondam com urgência aos offícios enviados.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Werra» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires e por via Funchal para a África Austral, Cap-Town, Elisabeth (ville) e África Oriental, tendo a última tiragem de correspondências às 9 horas.

Por via Algeciras e Gibraltar também seguem malas postais para a ilha de Timor, fazendo-se a última tiragem da caixa geral às 17,40 horas.

A lei da extradição em França

PARIS, 10.—O senado aprovou um projecto de lei relativo a extradição dos estrangeiros, assegurando-lhes as imunidades políticas. A lei será unicamente aplicada no caso de não existir tratado de reciprocidade com os países interessados. Estabelecida a acusação, diz ainda o projecto, a extradição somente terá efeito tratando-se de delitos graves de direito comum. (L.)

IMPRESSA

O Caixaço.
Reaparece no próximo domingo, este antigo quinzenário, órgão defensor dos empregados no comércio. A sua reaparição é devida à boa vontade de um grupo de antigos empregados filiados na Associação de Classe dos Caixaços de Lisboa.

Luz e Vida.
Sob a direcção do militante da classe João Vieira Alves, deve reaparecer por todo o mês de Fevereiro, o jornal dos Empregados no Comércio *Luz e Vida*, que se publicará semanalmente. Por todo este mês será enviada uma circular a todos os caixaços de Portugal, convidando-os a inscreverem-se sócios do seu Grupo Editor que será Nacional, recebendo os mesmos gratuitamente o jornal.

A redacção continua a ser no Pôrto, rua da Torrinha, 54, 2.º.

Accion.
Reapareceu *Accion*, revista em língua castelhana dos anarquistas espanhóis em Paris. O sumário do número 13, com que reaparece a revista, é o seguinte:

«Hacia una nueva organización Anarquista, Ferrel; Garibaldiismo y anarquismo, H. Treni; Gino Lucetti: Vengador; «Boy»; La teoría del menor esueño, V. Arango; De organización. Puntos de vista, Marco-Flore; El espejismo de la escasez, Alma-gesto; Los agentes provocadores, G. Vici; Un sueño de Sócrates, H. Ryner; Los libros, Agustín Gibanel; La represión».

«Hacia una nueva organización Anarquista, Ferrel; Garibaldiismo y anarquismo, H. Treni; Gino Lucetti: Vengador; «Boy»; La teoría del menor esueño, V. Arango; De organización. Puntos de vista, Marco-Flore; El espejismo de la escasez, Alma-gesto; Los agentes provocadores, G. Vici; Un sueño de Sócrates, H. Ryner; Los libros, Agustín Gibanel; La represión».

Um susto fatal
BELGRADO, 10.—Depois de ter sido recebido pelo rei, que o mandara chamar, encarregando-o de formar o novo gabinete, o sr. Paschitch faleceu ontem à noite vítima dum ataque de coração. (L.)

Leiam o Suplemento de A BATALHA

TEATRO NACIONAL
HOJE
Telef. N. 3049
COMPANHIA BERTA BIVAR—ALVES DA CUNHA
As 21 horas: — A representação da tragi-comédia em 4 actos e 17 quadros, de Lenormand
O HOMEM E OS SEUS FANTASMAS
Formidável trabalho de
Alves da Cunha
e
Adelina Abranches

TEATROS

«O Homem e os seus fantasmas» ou «O êxito de uma grande peça»

Nos anúncios do Teatro Nacional, a empresa Berta de Bivar-Alves da Cunha avisa o público de que a peça «O Homem e os seus fantasmas» pode ser vista por toda a gente, por encerrar uma grande lição de moral. Queremos também aqui dizer que pode o público, sem receio, ir ver a peça. Nada há de imoral, antes pelo contrário. As raparigas devem conhecer o «D. Juan», para melhor se precavarem.

O Marquês de Villemor
É uma verdadeira maravilha, um consólio da alma e do espírito a actual peça do Teatro Nacional, o actual sucesso da brilhantíssima companhia Lucília Simões-Erico Braga.

O Marquês de Villemor.
Os intérpretes da peça, Lucília Simões, sempre grande e sublime na sua arte; Erico Braga, no seu mais completo e primoroso trabalho de comediante; Amélia Pereira, na requintada figura de Marquesa de Villemor; Samuel Diniz, soberbo no seu papel; Joaquim Almeida, inextinguível na sua criação, e ainda Irene Isidro e Maria Sampaio, gentis e galantíssimas.

O Pinto Calçado.
É o Variedades, com os ilustres artistas Maria Matos e Mendonça de Carvalho à frente, o teatro único de larga que possuamos actualmente — a fábrica geradora da gargalhada para dar e vender, traduzida em 3 actos de boa graça portuguesa, inofensiva, mas colossal de espírito, que põe o público roxo, apoplético de tanto rir. Tal é a peça ali em cena, estradada ontem: «O Pinto Calçado», de Ernesto Rodrigues e André Brun.

Novas estreias no Foz
Hoje, o Foz apresenta um sensacional programa:

Estreiam-se: Zulmira Bettencourt e Francisco Costa, em canções, fados e bailes, acompanhados por coros, e o distinto bailarino Jacko.

Continuam em pleno sucesso a notável e formosa bailarina espanhola Eugénia Fernandez e o popularíssimo actor cómico Tomé Vieira cujos hilariantes «complets» são todas as tardes e todas as noites entusiasticamente aplaudidos.

Abre o espectáculo o célebre «film» em 6 partes «A Caçadora», e dá um interessante concerto a apreciada orquestra de «Jazz Foz Melody Band».

Tarifa 1 para o Maria Vitória
Está sendo a revista da moda «Tarifa 1», em scena no Maria Vitória, no Parque Mayer, hoje o recinto mais concorrido de Lisboa. Brilhantemente posta em scena, primorosamente encenada pelo artista Rosa Mateus, cheia de encantadoras marcações em que realçando os artistas realçam igualmente o seu brilhante corpo de baile e os coros, «Tarifa 1» repete-se hoje.

Um «Pão de Ló» saboroso
Acertada foi a ideia, a pesar de tudo, de fazer voltar ao cartaz do Avenida, embora por poucas noites, o famoso e hilariante «vaudeville», «O Pão de Ló», destinado apenas a uma curta série de representações, visto que cada vez mais se activam, naquele teatro, os ensaios do novo «vaudeville», «O Pé de Salsa», adaptação de Félix Bermudez, João Bastos e André Brun, música do maestro Angel Gomez, o terceiro do repertório da magnífica companhia Satalina-Amarante.

O espectáculo que esta noite se realiza no Coliseu dos Recreios, inteiramente preenchido pelas novidades e atracções da grande companhia de circo, vai ser mais um assinalado triunfo para aquela casa de espectáculos, onde actualmente se encontram reunidas num conjunto formidável alguns dos melhores números do género que existem no mundo.

No Teatro de São Carlos, onde ontem fez a sua apresentação com um grandiosíssimo sucesso a companhia de ópera italiana que vem fazer ali a temporada lírica, canta-se hoje, em 2.ª recita extraordinária, primeira de assinatura par, a bela ópera de Puccini «Madame de Butterfly».

«Mouraria», 1.ª e 2.ª, traduz o drama de uma cidade. No Apolo todas as noites, em duas sessões, o público vive algumas horas a vida dos «bas-fonds» da capital, revive aquelas horas melodramáticas de Cesaria.

O público que ainda não gozou essa sensação não se demore porque «Mouraria» ainda se conserva no cartaz.

No mais vasto teatro que explora peças de género popular, — o Eden, — completou ontem 2000 representações a revista «Cabaz de Morangos». Até agora, na actual temporada nenhuma obra atingiu tão elevado numero de representações, apresentando-se, ainda, a famosa revista com todos os atractivos da primeira recita.

Continua na sua carreira triunfal a encantadora opereta «Príncipe Orlof» em scena no São Luis. Ausenda de Oliveira, no papel de bailarina russa «Naija» continua a afirmar os seus créditos, Silvino Vieira é o baritonito muito apreciado e Vasco Santana, Celia Mendes, Carlos Viana e Salvador Braga obrigam o público a rir a bom rir.

Amélia Rey Colaço dispensa reclame. A sua carreira vale pelas melhores palavras laudatorias. Na «Petiza do Gato» a grande artista arranca constantes e frenéticos aplausos.

Um susto fatal
BELGRADO, 10.—Depois de ter sido recebido pelo rei, que o mandara chamar, encarregando-o de formar o novo gabinete, o sr. Paschitch faleceu ontem à noite vítima dum ataque de coração. (L.)

Leiam o Suplemento de A BATALHA

TEATRO AVENIDA
Telef. N. 4356
Últimas récitas do «vaudeville»
Pão de Ló
SEXTA FEIRA, 17
O PÉ DE SALSA

Solidariedade

Um sentido apelo a favor de Casimiro Firmino

É muito grave, gravíssimo mesmo o estado do prestimoso militante juvenil Casimiro Firmino. Há cerca de três anos que uma perigosa enfermidade — *Mal de Pott* — o arremeteu para um hospital. Daí para cá a sua vida tem sido uma constante tortura. Além da doença, o desditoso enfermo tem lutado com falta de recursos!

Agora, mais do que nunca, os seus padecimentos agravaram-se. Casimiro Firmino tem na sua frente uma sombria perspectiva, um triste futuro!

A comissão promotora da quete semanal procura tenaz e insistentemente minorar o seu sofrimento. Mas o que poderá fazer ela só, sem o auxílio de todos os camaradas, sem a solidariedade daqueles que souberam sempre apreciar as qualidades morais do enfermo, fazer justiça aos seus padecidos?

Casimiro Firmino pode melhorar. É preciso, porém, que todos os revolucionários sociais, todos, indistintamente, acorram em seu auxílio!

Só assim Casimiro Firmino poderá voltar a ser um elemento de valor nas Juventudes Socialistas!

Se todos os camaradas assim o compreenderem amanhã, não teremos que lamentar a perda de um modesto lutador e antes nos orgulharemos de o termos salvo!

Confiante, a comissão de auxílio aguarda hoje, sábado, na sede do Sindicato Único Mobiliário, travessa da Água de Fôr, 16, 1.º, que todos os amigos, que todos os camaradas e que todos os admiradores de Casimiro Firmino ali vão entregar a sua cota parte de auxílio.

Comité pró-propos por questões sociais
Reúne hoje, pelas 21 horas, para continuação de trabalhos pendentes de anteriores reuniões, este comité.

INSTRUÇÃO

CONCURSO

Encontra-se aberto o concurso por documentação para o lugar de professora de Instrução Primária na Sociedade de Instrução «Os Amigos da Infância». Aceitam-se propostas todos os dias das 10 às 17 horas, na sede, Rua Maria Pia, 274, 1.º E, onde se diz as condições.

MUSICA

O concerto de hoje na parada do quartel dos marinheiros

O concerto público a realizar pela banda da Brigada de Marinheiros na parada Norte do Quartel hoje, das 14 às 15,30 horas, tem o seguinte programa: Sempre Avanti, marcha; Manente; Gruta de Fingal, Abertura; Mendelssohn; Capricho Italiano, Tchaikovsky; Ecos de Artois, Fantasia, Gondefray; Mancos, Seleção; Massenet; Marche Indienne, Selemick.

RENDIMENTOS DOS OPERARIOS

Colhido por uma vagoneta

No banco do Hospital de S. José foi pensado e seguido depois para casa, José Antunes Louro, de 39 anos, natural de Serenache do Bomfim, residente na Avenida 5 de Outubro C, letras J P e que, na fábrica de Tijolo do Francês, no Campo Grande, onde é trabalhador, foi colhido por uma vagoneta, ficando contuso nas costas.

Desastre a bordo
Depois de operado no banco do Hospital de S. José, pelos dres. Manuel de Vasconcelos, A. Luzes e Serrão Franco, recolheu à Sala de Observações, Francisco José, de 21 anos, natural de Lisboa, trabalhador, residente a bordo do hiate «Ilha da Madeira» e que a bordo do mesmo navio foi colhido por uma viga de madeira, que lhe fracturou o crânio.

Queda de uma carroça
Na enfermaria de St.º António, do Hospital de S. José, deu entrada José Augusto, de 33 anos, natural de Alcácer do Sal, residente na Estrangeira de Baixo, 31, que na estrada entre Torres Vedras e Lourinhã, caiu da carroça de que era condutor, fracturando a perna esquerda.

Notas várias da Lisboa triste

Morte de um marítimo
Na Morgue deu ontem entrada José dos Anjos, de 43 anos, marítimo um dos tripulantes daquele barco que há dias se voltou entre o Barreiro e Seixal, o qual apareceu a boiar à tona de água próxima de Alcântara.

Queda de um carro
Na enfermaria de São Fernando, do hospital do Desterro, deu entrada José António Rosa, de 19 anos, proprietário, natural de Olais, Torres Vedras, e ali residente no lugar de Caseiros, que, no mesmo lugar, caiu de um carro, ficando muito contuso pelo corpo.

Acometido de doença súbita
Na Morgue deu entrada Alfredo Rodrigues Aguiar, comerciante, residente na Ribeira de Santarém e que ontem à tarde, foi acometido de doença súbita, na rua do Ouro, tendo chegado ao hospital de São José já cadáver.

Vapor São Miguel

Deve entrar no Tejo, amanhã de manhã, vindo da Madeira e Açores, o vapor «São Miguel», da Empresa Insulana de Navegação.

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 horas — Soirée às 8,45
HOJE — PROGRAMA SENSACIONAL — HOJE
ESTREIA dos distintos artistas
Zulmira Bettencourt e Francisco Costa
Variado repertório de canções, fados e bailes acompanhado dum grupo coral
ESTREIA do extraordinário bailarino
JACKO
GRANDIOSO EXITO de formosa bailarina
EUGENIA FERNANDEZ
Canções, aneddotas, etc., pelo popular actor português
THOMAZ VIEIRA
Concerto pela FOZ MELODY BAND
No «écran»: — «A CAÇADORA» (6 partes)
PREÇOS POPULARES

A BATALHA na provincia e arredores

Vendas Novas

O custo da vida

VENDAS NOVAS, 6.—Foram afixadas nesta localidade umas tabelas referentes aos preços de hortaliças, azeite e carnes. Já sabemos o resultado que nos vêm dar essas tabelas, pela prática que temos de outras vezes. O que é tabelado pelo preço que já existia continua a aparecer, mas o que é tabelado por menos desaparece para ser vendido às escondidas por favor e por mais dinheiro do que antes da tabela. É esta a norma do «conceituado» retalhista cá do burgo, bem como de todos os outros em geral. Se em vez de tabelamentos se proibisse a saída do que nos faz falta e se se autorizasse a entrada livre, do que igualmente carecemos, era bem melhor, visto viver-se num país onde se trabalha pelo... amor de Deus, morrendo-se de fome!

Continua flagelando esta região a enorme crise de trabalho em todos os ramos de actividade. Por esse motivo a oferta de braços é muita e as jornadas descem a ponto de ser quasi impossível viver. Há muita miséria. — C.

Seia

As escolas primárias—A carestia da vida

SEIA, 6.—As escolas primárias do sexo masculino encontram-se num péssimo estado de conservação. A continuar o desleixo não tardará que se transformem em autênticos pântanos.

Falta de verba, já se deixa ver... Mas com um pouquinho de boa-vontade talvez se pudessem mandar cair. Ou nem a isso chegam os fundos do município?

A luta-fina dos assambarcadores continua na mesma, sem que haja quem ponha travão à ganância desmedida de tais cavalheiros. Os géneros continuam subindo de uma forma assustadora e a miséria já bate à porta dos tugues dos trabalhadores. — C.

OS QUE MORREM

Garça Inácio

Faleceu em Silves o operário corticeiro Garça Inácio, vitimado por uma meningite tuberculosa. Contava apenas 22 anos de idade e era muito estimado naquela cidade. Filiado no Núcleo de Juventudes Sindicistas, fazia também parte do grupo dramático «O Despertar» onde era um dos melhores amadores.

O seu funeral foi muito concorrido, incorporando-se inúmeras pessoas de várias classes sociais, tendo sido organizados vários turnos por jovens sindicalistas.

O grupo dramático não deu ensaio em sinal de sentimento.

Agremiações várias

S. M. Auxiliador dos Inabilitados no Trabalho—Reúne-se a assembleia geral, que elegeu os seguintes corpos gerentes: Assembleia geral: presidente, José Inácio Pinto Rodrigues; vice-presidente, Francisco Alfredo Neves; 1.º secretário, Alfredo dos Santos Faustino; 2.º secretário, Norberto Silva; secretários substitutos, Jaime Ferreira Silva e Horácio Rodrigues de Oliveira; delegados à Liga de Farmácia, José Dias e Francisco Nunes Carvalho. Direcção: presidente, António Antunes Martins Almeida; tesoureiro, José Dias; secretário, Januário Isidoro Francisco Silva; vogais, Tomás Domingos Silva e João Pedro dos Santos; suplentes, João Simões e Joaquim Pedro Silva. Conselho fiscal: efectivos, Manuel Pereira Folgado, Francisco A. Pedrosa e Joaquim Pereira; suplentes, Domingos João Cesário e João Carlos Oliveira Leone.

Grupo «Os Bichinhos»—Reúne-se na sua nova sede, calçada Castelo Branco Sarriça, 42, 1.º, pela primeira vez para resolver vários assuntos, entre eles nomeação dos corpos directivos, que ficaram assim compostos:

Direcção—Presidente, Silvino Luis Gomes; secretário, João Gomes Casca; tesoureiro, Manuel Brilhante. Director e ensaiador, Matheus Meleças. Comissão de festas—Componentes do Grupo, Carlos Cesar, Antero Rodrigues, Silvino Luis Gomes e António Simões Dias; do Sindicato das Mantipuladores de Pão, Torcato Alves Braga e António Esteves Barroso.

Este Grupo reúne todas as terças e sextas, das 21 às 24 horas.

Grupo Anarquista «Insurrectos»—Reúne-se, às 20 horas, para um assunto urgente.

A água do Andaluz

Para assentar a canalização de ferro galvanizado andam os operários municipais fazendo a perfuração do terreno junto do arco de São Sebastião em direcção ao povo da nascente desta água. Ontem de manhã quando se procedia àquele trabalho os operários que ali andam deram com o topo da galeria primitiva cheia de enormes pedras que se presume terem ali sido postas quando da construção do referido arco. Este facto vem concorrer para abreviar aquelas obras de beneficiação às águas do Andaluz pois que são mais 17 metros de galeria subterrânea que se supunha ter de fazer de novo.

A comissão de D. e M. da Agua do Andaluz vai na próxima semana à Câmara Municipal pedir que se iniciem já as obras de transferência do Largo de Andaluz e as do novo chariz a fim de se fazer o aproveitamento de todas aquelas águas.

TIVOLI
Telefone N. 5474
ÀS 21 HORAS
PENULTIMA EXIBIÇÃO
A AGUIA NEGRA
Super-produção, tirada do romance de POUSCHKIN, e que tem como protagonista o malogrado «Stars»
Rodolfo Valentino
o inesquecível intérprete de «Os 4 Ginetes do Apocalypso». A crítica reconheceu no papel do tenente Dubrowsky (Aguiá Negra) a criação mais completa do saudosos artista.
Duas Cine-Farças
Dois Documentários
Audição especial para a orquestra, sob a direcção do maestro Nicolino Milano.
A'MANHÃ—Matinée às 3 horas

PIOR QUE O SENHORIO

Um sub-aluga que pretende desalojar bárbaramente dois velhos indefesos

O operário Paulo Soares encontra-se preso, há longo tempo, no forte de Monsanto. Seus pais, que vão já a caminho dos 70 anos de vida, ficaram a morar, em parte de casa, na travessa Marquês de Sampaio, 44, 2.º. O arrendatário da

MARCO POSTAL

Pôrto.—Ernesto Ribeiro.—O último número da Renovação foi o 24.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid, cheque		2\$98
Paris, cheque		577
Suiza, cheque		3\$78,5
Bruxelas, cheque		2\$74
New-York, cheque		19\$60
Amsterdão, cheque		2\$84
Itália, cheque		3\$6
Brasil, cheque		2\$30
Praga, cheque		5\$8,5
Suécia, cheque		5\$24
Austria, cheque		2\$77
Berlim, cheque		4\$67

TEATROS

São Carlos.—A's 21.—Aida. Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas. São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff. Ginásio.—A's 21,30.—A Petisa do Gato. Trindade.—A's 21,15.—O Marquês de Villemor. Avenida.—A's 21,30.—O Dr. da Mula Ruça. Politeama.—A's 21.—O Inimigo. Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—A Mouraria. Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Marangos. Maria Vitória.—A's 2,30 e 22,30.—Tarifa 1. Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—O Pinto Calçado. Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo. Salão Foz.—A's 15 e 20,30.—Variedades. Avenida Parque.—Diversões. CINEMAS Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinées e soirées.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alentejo (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa. (Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatôgráo. —Salão da Promotora.—A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 38 TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Narciso. A's 5 horas. Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vilar—4 horas. Kins, vias urinárias.—Dr. Miguel Megalhães—10 horas. Fete e stills.—Dr. Correia Figueiredo—11 e 13 horas. Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff—4 horas. Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos—2 horas. Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira—12 horas. Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo—3 e 5 horas. Doenças das mulheres.—Dr. Emilio Paiva—2 horas. Doenças das crianças.—Dr. Filipe Mano—12 horas. Tratamento de diabetes.—Dr. Ernesto Romão—3 horas. Boca e dentes.—Dr. Armando Lima—10 horas. Cáncer e rádio.—Dr. Cabral de Melo—4 horas. Nele X.—Dr. Alca Saldanha—4 horas. Análises.—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira,—na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a: FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55 Tabacaria e Kiosque

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-malistas...	\$50
O sentido em que somos anarquistas	\$30
A peste religiosa...	\$40
A Liberdade...	\$50
A Internacional (música e letra)...	\$30

Pedidos a A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 82

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Gombro, 38-A. 2.º

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma — 3-A Esta casa tem sempre um grande stock de malhins para senhoras, vindos directamente das melhores fabricas estrangeiras. Barreiros & Jesus

TELEX N. 2691

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5 %.

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prêmios maiores... 4:000.000\$00 1:200.000\$00

Bilhetes a 1,100\$00 e quadragésimos a 27\$50, cauteias a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.

116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS O ORIENTE

SEDE.—R. do Poço dos Negros, 86, 3.º Em conformidade com o art. 33.º e para cumprimento do § 1.º do art. 34.º convocamos a Assembleia Geral para o dia 15 do corrente, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição da Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal para a gerência de 1927.

Não reunindo por falta de número fica desde já marcada a 2.ª convocação para o dia 24 do corrente, à mesma hora. — Lisboa, 10 de Dezembro de 1926. — O Presidente, (a) Roberto Veloso Munhoz.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS SÃO FERNANDO

SEDE.—R. do Poço dos Negros, 86, 3.º Em conformidade com o § 1.º do art. 29.º e para cumprimento do § 1.º do art. 31.º convocamos a Assembleia Geral para o dia 20 do corrente, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição da Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal para a gerência de 1927.

Não reunindo por falta de número fica desde já marcada a 2.ª convocação para o dia 29 do corrente, à mesma hora. — Lisboa, 10 de Dezembro de 1926. — O Presidente, (a) José Viegas.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Calçado "ATLAS"

Grande venda do Natal

Distribuição de 44 prêmios em dinheiro, no valor de Esc. 5.000\$00

Desde 1 de Dezembro todos os nossos Clientes receberão uma senha numerada por cada Esc. 50\$00 de compras que fizerem, a qual os habilitará a receber os nossos prêmios de 1.500\$00, 600\$00, 400\$00, 200\$00, 100\$00 e 50\$00, correspondentes aos 7 primeiros prêmios da lotaria do Natal.

DEPOSITOS EM LISBOA: Rua Aurea, 198 - Rua Augusta, 149 - Rua do Carmo, 87

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

A VENDA A 10.ª SÉRIE de "Os Mistérios do Povo"

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa. Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00. A obra mais barata que no género se publica

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 3.316, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 30 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço actual de 5\$1. Aos interessados que desejarem adquirir quantidade far-se-á um abastecimento de 50 por cento e a publicação de 50 folhetos.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA publicação mensal

Redacção e administração.—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retreiros, 125—LISBOA. A venda na administração de A Batalha.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

"IDEARIO"

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos: Doutrina — Critica Social — Educação Liberdade — Tactica — Evolução e Revolução — Violência — Liberdade e Autoridade — Ensayo Filosófico — Tratado — Ideias Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Políticos — Lecturas — Fragmento Inedito

Preço 1\$500—Pelo correio 1\$650

Medidos a administração de A BATALHA

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho — Amanhã...	16\$00	Jorge Teixeira — Gatinhos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro)...	2\$50
Alexandre Herclano		Juliano Quintinha	
Lendas e Narrativas (2 volumes)...	18\$00	Visinhos do Mar...	8\$00
Cartas (2 volumes)...	18\$00	Cavalgada do Sonho...	8\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.)...	27\$00	Terras de Fogo...	8\$00
Adolfo Lima		Dor vitoriosa (novela)...	2\$5
Contrato do Trabalho...	10\$00	Laisant — Iniciação matemática...	5\$00
Educação e ensino...	5\$00	Malvert — Ciência e Religião...	10\$00
O ensino da história...	1\$50	Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela)...	2\$5
Aquilino Ribeiro		Anastácio José (idem)...	2\$5
Anatole France...	3\$00	Manuel Ribeiro	
Estrada de São Tiago...	10\$00	Poder redentor (novela)...	2\$5
Jardim das Tormentas...	10\$00	Mirbeau — O Jardim dos Suplicios...	4\$00
Via Sinuosa...	10\$00	Nogueira de Brito	
As Filhas da Babilónia...	10\$00	I-Memorial de Angela Pinto	15\$00
Terras do Demónio...	10\$00	Sangue Fidalgo (novela)...	2\$5
Augusto Machado — Impossível redenção (novela)...	2\$5	Não, diz a Lei (novela)...	2\$5
Augusto de Sousa — Folhas perdidas (Fados)...	10\$00	Pargame — Origem da vida...	8\$00
Bente Faria — Missa nova (teatro em verso)...	2\$00	Oliveira Martins	
Binet-Sanglâ — A loucura de Jesus...	4\$00	Helenismo e a Civilização Cristã...	15\$00
Buckner — O homem segundo a ciência...	12\$00	História da Civilização Ibérica...	15\$00
Charles Darwin — Origem das espécies...	14\$00	História da República Romana (2 volumes)...	30\$00
Campo Lima		História de Portugal (2 vols)...	30\$00
O Estado e a evolução do Direito	12\$00	Race Humana (2 vols)...	30\$00
O Amor e a Vida...	5\$00	O Brasil e as Colónias Portuguesas...	15\$00
Cena dos Pobres...	2\$00	Cartas Peninsulares...	15\$00
A Revolução em Portugal...	6\$00	Sistema dos mitos e ficções religiosas...	15\$00
Cristiano Lima — A casa de Nun'Alvares (novela)...	2\$5	Orlando Margal	
Duarte Lopes — Frei Sanguel...	5\$00	Agua clara...	6\$00
Epa de Queiroz		Imagens de Sonho...	1\$00
O crime do Padre Amaro...	18\$00	Raul Brandão	
O primo Basílio...	15\$00	Os Pescadores...	10\$00
O Mandarim...	8\$00	Os Pobres...	10\$00
Os Matias (2 vols)...	28\$00	O Teatro...	8\$00
A Reliquia...	15\$00	Spencer — Da Educação (br. 5\$00) enc.	8\$50
A Cidade e as Serras...	12\$00	Sobral de Campos — Dois tiros (novela)...	2\$5
Frade Mendes...	9\$00	Telstol — A sonata de Kreutzer...	4\$00
Casa Ramires...	15\$00	Ana Karenine (3 vols)...	15\$00
Prosa Bárbara...	10\$00	Toulousse — Como se deve educar o espirito...	4\$00
Ecos de Paris...	9\$00	Wenceslau de Moraes	
Cartas Familiares...	9\$00	Don Nippon...	12\$50
Cartas de Inglaterra...	9\$00	Victor Hugo	
Minas de Salomão...	9\$00	França e Bélgica...	10\$00
Notas Contemporâneas...	15\$00	O Reno (2 v.)...	15\$00
Ultimas páginas...	15\$00	Os Miseráveis (2 grossos volumes)...	40\$00
Contos...	15\$00	Zola	
Ernesto Haeckel		A Taberna...	12\$00
História da Criação...	20\$00	Tereza Raquin...	5\$00
Origem do Homem...	5\$00	Alegria de viver (2 vols)...	8\$00
Os enigmas do Universo...	14\$00	A conquista de Plassans (2 vols)...	8\$00
Monismo...	4\$00	Feundidade...	20\$00
Religião e evolução...	6\$00	A fortuna dos Rougons (2 vols)...	8\$00
As maravilhas da vida...	14\$00	Uma página de amor...	9\$00
Faguet — Iniciação filosófica...	5\$00	Dr. Pascal...	8\$00
Iniciação literária...	10\$00	FOLHETOS	
Faria de Vasconcelos		Eliseu Redus — Anarquia e a Igreja	1\$00
Problemas escolares...	5\$00	A Evolução legal e a anarquia	\$30
Por terras de além mar...	5\$00	Gençaves Corrêa — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura...	\$50
Ferreira de Castro		José Frut — A burguesia e o proletariado...	\$50
Sangue Negro...	2\$50	A necessidade da Associação...	\$50
Sendas de Lirismo e de Amor...	8\$00	Content — Contra o confusãoismo...	\$30
A Peregrina do Mundo Novo...	6\$00	Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)...	\$50
E. Castro e E. Fria — A Boca da Escuridão...	8\$00	Ernesto da Silva — Teatro livre: Arte Social...	\$30
Flammarion		Laudauer — Social Democracia...	\$30
Iniciação astronómica...	5\$00	H. Mela — O principio do fim...	\$30
Contos de luar...	5\$00	A maçonaria e o proletariado...	\$30
Como acabará o mundo...	7\$00	J. Most — Peste religiosa...	\$50
Os habitantes dos outros mundos...	4\$00	João P. do Rio	
Felix le Dantec — As influências ancestrais...	10\$00	Definições sociais...	\$50
Final de Almeida		Horas anarquicas (versos)...	\$50
Lisboa Galante...	10\$00	Trovas da Noite...	\$100
Estâncias de Arte e Saúde...	9\$00	Roberto, o pescador...	\$100
Figuras de destaque...	9\$00	Memórias do Parque de São João do Forte...	\$100
Actores e Autores...	9\$00	*** — Carnet de Pensamento...	\$20
Contos...	9\$00	I. Bakunine — O sentido em que...	\$50
A Esquina...	9\$00	mos anarquistas...	\$50
Aves Migradoras...	9\$00	Chueca — Como não ser anarquista...	\$50
Barbear, Pentear...	9\$00	Lazaro — A Liberdade...	\$50
Cidade do Vicio...	9\$00	B. Elvirant — A minha defesa...	\$50
Paquinadas...	10\$00	J. Kropotkin	
País das Uvas...	9\$00	Os bastidores da guerra...	\$30
Saibam quantos...	9\$00	Moral anarquista...	\$50
Vida errante...	9\$00	O espirito revolucionário...	\$50
Vida íronica...	9\$00	O estado e o seu papel histórico...	\$50
Guerra Junqueira — A morte de D. João...	10\$00	J. Guedes — Lei dos Salários...	\$50
Musa em férias...	9\$00	Briand — A greve geral...	\$50
Os Simples...	7\$00	Roland — Rússia Nova...	\$50
A velhice do Padre Eterno (Educação de luxo)...	14\$00	*** O sindicalismo e os intelectuais...	\$50
Brochado...	10\$00	D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário...	\$50
Gorki — Os Degredados...	4\$00	A. Hamon — A crise do socialismo...	\$50
Os Vagabundos...	4\$00	J. Santos — A transformação da sociedade...	\$50
Na Prisão...	4\$00	Neno Vasco	
Isen — Espectros...	4\$00	Georgicas...	\$30
Casa de bonecas...	5\$00	Greve de inquilinos, teatro...	\$100
Jacquinet — História Universal, 2 v. Jaime Cortezão — Adão e Eva (teatro)...	10\$00	*** Proletariado Histórico...	\$100
José Benedit — A ciência redentora (novela)...	2\$5	G. Archinof — A Revolução social e o Sindicalismo...	\$50
Jesus Peláto — O mestre geral (novela)...	2\$5	Carlos Rates — A ditadura do proletariado...	\$100

PLANTAS, livro util as boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos a administração de A Batalha.

que tenha escolhido para o nosso casamento o dia da execução de Luis XVI.
—Eu sou da mesma opinião, meu pai.
—Eu desconfio bem de que tu és uma realista! disse o advogado em tom de amigável repressão. Quanto a si, meu caro discípulo, eu julgava inútil lembrar-lhe que o dia em que cai a cabeça dum rei é um dia de festa e de regosio para todos os bons patriotas.
—Cidadão Desmarais, se eu tivesse assento na Convenção, votaria a morte de Luis XVI, como perjuro e criminoso de lesa-nação; mas para a República não pode ser um dia de jubilo aquele em que o gladio da lei fere o último dos reis.
—E' talvez um dia de luto, hein?
—Não será para os bons patriotas um dia de jubilo nem de luto, cidadão Desmarais, mas sim um dia de recolhimento. Luis XVI não é um homem, mas sim um principio, que representa a mais antiga monarquia da Europa. Ferindo Luis XVI, é a realza que se decapita! Não é uma cabeça o que vai cair no cadafalso: é uma corôa!
—O meu caro discípulo pode muito bem ter razão contra o seu mestre: efectivamente a morte do tirano causará aos patriotas não o delirio da alegria, mas um recolhimento religioso; mas o que está feito está feito. Mandei esta manhã a circular a todos os nossos amigos da Montanha, e já não posso mudar a época fixada para o casamento.
—Meu pai, respondeu Carlota em voz grave, João e eu temos esperado por muitos anos este dia que deve realizar todos os nossos ardentes desejos, e consentimos voluntariamente em adiar ainda a nossa união para a não fazer coincidir com a morte do rei, por mais criminoso que ele seja.
—Não falemos mais nesse assunto, minha querida filha, que se faz tarde, e o meu caro discípulo vai fazer-me o favor de me acompanhar a casa do tabelião, para se redigir o contrato; depois iremos à Convenção,

à sala das conferências onde o apresentarei, como meu futuro genro, aos meus colegas da Montanha.
—Observe-lhe, cidadão Desmarais, que não quero intervir na redacção desse contrato, que será feito como lhe convier a si.
—E' preciso contudo, meu caro amigo, que saiba a quanto monta o dote que deu a minha filha.
—Essa questão de interesse é de todo indiferente para mim.
—Ah! meus filhos! exclamou o advogado em tom lamentoso. Tenho muita pena de lhes não poder dar um dote como desejava; mas tenho-me arruinado com as despesas patrióticas... Portanto, meus filhos, além desta casa e de algumas propriedades cujo rendimento é quasi nulo, restam-me uns oitocentos e cinquenta luizes, que dividirei com os meus queridos filhos. E' bem insignificante este dote, meu caro João, comparado com o que eu desejaria poder dar-lhes, e com o qual talvez contassem...
—Nunca se me apresentou ao espirito a ideia dum dote. Fique bem certo disso, sr. Desmarais.
—Creio-o, meu caro discípulo, e não esperava menos da escrupulosidade delicada do seu caracter. Mas, além dos quatrocentos e vinte e cinco luizes que lhes dou, terão casa aqui sem despeza nenhuma, porque nós nunca nos havemos de separar, meu caro discípulo; seremos uma só familia, e teremos tambem em nossa companhia sua irmã, que tão admiravelmente resgatou o seu passado; eu já não vejo nela a amante de Luis XV, mas a digna filha do proletário. Portanto fica entendido, meu caro João, que viveremos sempre juntos, e que assim será mútua a nossa felicidade.
Carlota era tão indifferente como João Lebrenn à questão do dote; mas sabendo pelo que dissera a mãe, que devia andar por cento e vinte mil libras, não gostou do cálculo secreto do pai, que pensava ella com razão, a dotava em tão pouco para obrigar João Lebrenn a viver com elle.
—Agradeço a sua generosidade, cidadão Desmarais... replicou João. Mas eu só aspirava neste mundo

à mão de Carlota, e já a obtive. Tudo o mais é sem interesse para mim.
—Não me surpreende esse seu belo proceder, meu caro João: então aceita as bases do contrato no que se refere ao dote de Carlota?
—Sem dúvida.
—Nesse caso, vamos já tratar da redacção das convenções matrimoniais. O tabelião espera-nos.
—Adeus, Carlota! disse João Lebrenn em voz baixa a noiva. Hoje mesmo farei aos encarregados da segurança geral a respeito de seu tio.
—Ah! exclamou Carlota; se eu ainda hesitasse em separar-me de meu pai, esta nossa última conversação tiraria-me todos os escrúpulos.
—Vamos, meu amigo! disse o advogado a João. Adeus, minha filha, diz a tua mãe que o nosso querido João janta cá hoje.
—Até logo, meu pai! respondeu ella, lançando um olhar de intelligencia ao noivo, que saia com o sr. Desmarais.
Se a alguém restasse a minima dúvida acerca dos crimes de alta traição de que era acusado Luis XVI, essa dúvida se desvaneceria facilmente perante as provas esmagadoras apresentadas contra elle durante o interrogatório. Desseze, Tronchet e Malesherbes, encarregados da defesa do réu, invocavam principalmente em seu favor a inviolabilidade real, garantida pela Constituição de 1791.
Segundo a opinião deles (e ainda mais segundo o texto da própria Constituição), o rei, embora tivesse violado a Constituição, traido o Estado, e até invadido a França à frente dum exercito estrangeiro, e posto o país a ferro e fogo... não podia sofrer outra pena senão a deposição! Tal era a tese dos advogados do rei.
Esta doutrina, tão absurda quanto monstruosa, nem pareceu digna de ser refutada pela Convenção. Os acusadores de Luis Capeto encaram a questão sob um ponto de vista mais elevado, provando a nulidade do vacto constitucional de 1791. Tal era a opinião de Robespierre, de S. Just, de Condorcet, de Carnot, de Danton, de muitos girondinos e da maioria dos membros da Convenção.
Em nome da Justiça, do Direito e da Razão, Luis XVI devia ser considerado criminoso.
Sendo permanente, indivisível e inalienável a soberania do povo, a Constituição de 1791 era radicalmente nula, porque consagrava a alienação hereditária de parte dos direitos do povo em favor da familia dantes real; os convençionais de 1793 tinham tanto que ver com a Constituição de 1791 como os constituintes de 1789 com as instituições monárquicas, feudais e religiosas que durante catorze séculos oprimiram a França.
Uma nação tem o poder, mas nunca o direito de alienar total ou parcialmente a sua soberania, delegando-a hereditariamente numa familia. Tal delegação, imposta pela violência da conquista, suportada pelo hábito do jugo ou consentida num momento de desvario popular, não liga aos seus destinos geração nenhuma, contemporânea ou futura. A Constituição de 1791 era portanto nula, por alienar uma parte da soberania nacional; Luis Capeto, não podia, portanto, pôr-se ao abrigo das garantias de inviolabilidade que lhe dava essa Constituição. Luis XVI estava legalmente processado. Tendo a nação reconquistado, a 10 de Agosto, a sua inteira soberania, tinha dado a Convenção plenos poderes para julgar o ex-rei, cujos crimes eram públicos e notórios, tendo inscrita nas leis do direito comum, igual para todos os cidadãos, a penalidade a que Luis XVI teria de sujeitar-se como qualquer outro criminoso.
Eu, João Lebrenn, transcrevo do meu jornal estas passagens relativas ao processo, ao julgamento e à execução de Capeto:
15 de Janeiro de 1793.—A Convenção, depois de ter ouvido a defesa de Desseze, um dos advogados de Luis XVI pôs à votação este primeiro quesito:
"Luis Capeto é ou não culpado de conspiração"

OS MISTÉRIOS DO POVO 11-12-1926 N.º 871



D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 7

QUESTÕES DA ACTUALIDADE

A JORNADA DE SEIS HORAS

Compreende-se que os capitalistas não emitam publicamente uma opinião acerca dos resultados esplêndidos da redução da jornada de trabalho. Só acidentalmente se poderão confirmar os factos postos em relevo pelas organizações operárias.

Na revista patronal da indústria cerâmica, *Keramos*, n.º 3, 1922, confessa-se que a intensidade de trabalho, com o horário actual, aumentou em relação às condições existentes antes da guerra, e que o aproveitamento mecânico também muito melhorou.

Num artigo sobre o jubileu da fábrica de porcelana de Nalhi, diz o director *Georgi*: «que, com um trabalho mais intensivo na jornada de oito horas, pode produzir-se o mesmo que, antes, numa jornada de dez ou onze horas».

O director geral, *Filmmann*, da fábrica de porcelana de Nalhi, disse:

«Creio que podem ser mantidas as oito horas no trabalho por empreitada e no trabalho manual realizado por processos muito mecânicos. Em mesmo pude verificar como é possível esse trabalho, a pesar da jornada reduzida, e como chega a produzir-se mais do que antes. Só haveria a opor a essas constatações que todo o proletariado, e não só o que trabalha por empreitada, a pesar da redução da jornada, aumentou ou consideravelmente a capacidade produtiva.» (*Vorwärts*, Berlim, 22 de Outubro de 1925).

O que se diz da transição da jornada de dez ou onze horas para a de oito, se poderá dizer igualmente da redução da jornada de oito horas para seis. Um telegrama de Detroit, com data de 26 de Setembro de 1926, comunica o seguinte:

«Henri Ford acaba de estabelecer nas suas fábricas o sistema de trabalho que planeava, de cinco dias de trabalho por semana, pagando aos operários, como até hoje, seis dias. Este plano vem dando os melhores resultados nos diversos ramos industriais do fabricante».

«Ford prevê que a semana de cinco dias de actividade será adoptada em todas as indústrias dos Estados Unidos, visto que se tem dito que o país não poderá consumir toda a produção industrial sem encurtar a semana de trabalho, assim mantendo a prosperidade de que desfruta».

«As grandes empresas, ao aumentarem a sua eficiência de cada dia, poderão pagar melhor aos seus operários por menos tempo de trabalho, pondo os operários em condições de prover às suas necessidades, aumentando-as. Essas novas necessidades a satisfazer absorverão a produção».

CARTA DO PORTO

A horrorosa progressão da mortalidade infantil

PORTO, 9.—Segundo o relatório, que a mesa da Santa Casa da Misericórdia vai apresentar à assembleia geral de irmãos, verifica-se, magdamente, que a percentagem dos nado-mortos atinge uma média de 25 % dos nascimentos. Isto refere-se, claro, só ao movimento dos partos na respectiva enfermagem do Hospital Geral de Santo António.

No mesmo documento, na parte relativa à assistência maternal e infantil, constata-se, claramente, que, perante a desgraça alheia, em Portugal não tem havido a verdadeira compreensão do mal que alige tanta miséria e a quem o socorro se impõe. Medidas que tenham por objectivo reduzir o desaparecimento de tantas crianças, valendo-lhes nas épocas da prenatalidade, da neonatalidade e da primeira idade, são melhoramentos que no nosso país quasi estão por adoptar praticamente.

Daquí ressalta esta verdade aterradora: a preferência de preferência destinada ao Porto: se esta cidade é uma monumental máquina de motu-continuidade, constitui simultaneamente um verdadeiro matadouro onde a falta de uma assistência séria e segura permite uma infinidade de inocências anti-humanas duma infinidade de inocências. Procura-se muito, mas elimina-se melhor, não bem por culpa dos progenitores, mas por responsabilidade apremiante de um meio social patriótico chafurdando na imundície moral do egoísmo individualista...

Se para o Hospital Geral de Santo António a mortalidade vai até 25 %, a quanto não subirá a percentagem monstruosa em toda a cidade da invicta destruição infantil? Aqueles 25 % e o que se sabe exactamente dos registos hospitalares daquele estabelecimento. E o que se não vê, o que se não sabe, o que se esconde por esses misteriosos escaninhos, sinistras alforjas onde agoniam, em cruciantes dores, milhares de crianças escuras e desoladas pelas brutidades económicas e sociais duma sociedade perene de iniquidades capitalistas?

E' inculcável esta letal percentagem, porque o seu desconhecimento é indecifrávelmente esquivo...

A maior protecção que se tem dado à mulher, para que se reduza o desaparecimento de tantas crianças, é, antes do seu período de gestação, explorá-las vilmente, estafando-as desalmadamente nas fábricas, nas oficinas, nos ateliers, nos armazéns de toda a espécie ou nas descargas ribeirinhas, onde elas desempenham o estúpido, o mortificante papel de autênticas *bêtes-de-somme*...

Este enfraquecimento prévio do elemento feminino, que pelas duras de um trabalho bestial e indignamente remunerado, quer pela péssima e moribunda alimentação, quer ainda pela sombria promiscuidade em que repositam nos seus apertados tugúrios sem ar nem luz — tudo isso não exercerá as suas funestas influências para uma má, doentia, predisposição do período da gravidez, que anormalmente seguirá o seu curso? E no entanto, ainda mesmo chegando a este estado, a mulher continua a ser maltratada, mal cuidada, porque é explorada quasi até ao último momento da sua *délivrance* — ah! perdão! este francesismo é só para as damas de alta rosta que se divertem coticotamente nos *clubs-chics* — do seu alívio, muitas vezes em transe doloroso...

Esta maneira é inevitável a grande mortalidade da criança — e quando ela não morre logo por junto, fica a morrer a retalho pela estrada acidentada duma vida cheia de *morbus* hereditários que se adicionam aos

«Prevê-se que, nos seus novos planos referentes ao problema do trabalho, Ford propõe-se há a uma redução da jornada de oito horas».

O fabricante de automóveis Ford, que representa uma das maiores indústrias dos Estados Unidos — basta dizer que dos seus estabelecimentos saem diariamente 5.000 a 7.000 automóveis — é o exemplo vivo dos métodos modernos de trabalho. A sua influência é considerável e a sua previsão, como se nota, não é menor.

O capitalismo tem de se preocupar urgentemente com o alargamento do mercado nacional, com o aumento da capacidade de consumo dos trabalhadores. Para isso, a jornada de oito horas, em primeiro lugar, que a desocupação se extingue. E a desocupação não se extingue, antes se ampliará, mantendo-se a jornada actual.

O exemplo de Ford é tão eloquente que a própria Federação Americana do Trabalho, no congresso que efectuou no mês de outubro de 1926, em Detroit, estudou a generalização da semana de cinco dias de trabalho nos Estados Unidos.

Entretanto, Ford revela os efeitos do progresso mecânico, durante os últimos anos, sobre o mercado de trabalho:

«Se existisse, na soma da nossa produção actual, a mesma percentagem de pessoal havida em 1913 — a época da fundação dos nossos estabelecimentos — teríamos de ocupar agora 200.000 operários. Afinal, o número de operários hoje empregados, quando a nossa produção atingiu o máximo de 4.000 carros por dia, não passa de 50.000.» (*My life*, 1924).

O estudo dos progressos da maquinaria nos estabelecimentos Ford bastaria, por si só, para se compreender toda a tendência do capitalismo moderno e para se insistir sem descansa na rápida implantação da jornada máxima de seis horas.

E mais singular é que, quanto mais progride a técnica, mais facilmente se executam trabalhos, sem necessidade de uma prévia aprendizagem. O profissional operário vai sendo atirado à margem e substituído por simples artífices que depressa aprendem o manejo da máquina — que lhes é confiada.

Este facto mostra que os progressos do maquinismo não só tornam prescindíveis os braços humanos, como dispensam a inteligência, a aptidão profissional, as qualidades pessoais do operário.

(Continua)

A acção operária contra o capitalismo

As condições de luta do trabalho contra o capital estão longe de ser as mesmas em toda a parte. Variam segundo o grau de desenvolvimento do capitalismo, o estado da organização das classes burguesas, a experiência revolucionária dos operários e dos camponeses, o seu passado histórico, etc. Esta variedade pode e deve estar sujeita a certas diferenças quanto aos meios usados pelos trabalhadores no decurso da sua luta contra o capital. Mas, quanto ao fundo essencial da luta, devem estar de acordo os trabalhadores de todos os países.

Todos têm na sua frente o mesmo fim: destruir a sociedade burguesa e capitalista a fim de estabelecer em seu lugar a sociedade dos iguais, fundada sob os princípios da liberdade e do auto-governo dos produtores. Esse fim não poderia ser alcançado doutro modo senão pelos esforços revolucionários dos trabalhadores, em toda a parte, guiados pelo seu espírito e pela vontade de classe. Tal é o rumo do proletariado para a sua emancipação. Não existe outro.

Não obstante, os partidos políticos esforçam-se por substituir esse espírito e essa vontade pelo seu espírito e pela sua vontade, e impor a sua linha de conduta aos actos de classe, pretendendo que essa seja a forma de condução necessária do verdadeiro movimento dos trabalhadores para a liberdade — o que, claro está, é uma insensatez, um sofisma de políticos. A história do trabalho oprimido e subjugado conhece mais de um exemplo de sofismas semelhantes, que, desgraçadamente, seduziram e extraviaram muitas vezes o proletariado, que contribuiu assim, por si mesmo, para retardar o advento da libertação social.

O espírito e a vontade de classe dos trabalhadores são um espírito e uma vontade que nasceram no seu próprio meio, no ambiente imediato da vida social e dos reveses impostos aos mesmos trabalhadores, e que continuam vivendo e desenvolvendo-se entre eles, sobre as mesmas bases que os engendraram.

Os trabalhadores não exprimem melhor a sua vontade em actos, senão quando estes são expressos e dirigidos pelos seus verdadeiros órgãos de classe. Tal é a verdade vital elaborada pelo mundo do trabalho durante a sua luta secular. Todo o desvio desse caminho recto seria um crime para a humanidade laboriosa.

Ninguém pode saber que lapso de tempo separa as classes trabalhadoras do choque decisivo com o capital. Mas há que estar sempre preparado. Sob este ponto de vista, a própria vida impõe trabalhos concretos, de extrema e urgente responsabilidade para o sindicalismo revolucionário e para o anarquismo.

A é a que cumpre organizar as massas trabalhadoras dentro dos princípios da produção e da revolução, posto serem conceitos de luta que contêm a palavra de ordem da revolução social dos trabalhadores, que está em marcha. E a é a que corresponde a honra de ser os atiradores da vanguarda nessa revolução das massas. E são eles que deverão estabelecer um programa concreto e claro de acção dos trabalhadores no momento em que essa revolução verdadeira, e não a que se apresenta, um programa que fale uma linguagem franca aos trabalhadores e diga a cada um qual será a sua tarefa nessa revolução que intimamente lhes diz respeito.

Vamos enunciar em linhas gerais os fins positivos que as massas trabalhadoras terão de executar durante o primeiro período da revolução social para a levarem a bom fim.

Uma revolução dos trabalhadores das cidades e dos campos não poderá ser senão uma revolução social. Qualquer outra revolução seria inútil aos trabalhadores e só poderia beneficiar a burguesia, ou então, como acabamos de ver na Rússia, o grupo intermediário da democracia socialista.

A revolução social implica o aniquilamento completo da sujeição política e social dos trabalhadores e a tomada por estes de todos os meios de produção e de distribuição, a fim de se criar a economia fraternal das classes operárias.

A primeira medida revolucionária que adoptará o proletariado vitorioso das cidades e das aldeias será justamente a de assegurar a posse de todos os órgãos para atender às suas necessidades. Esta é a condição essencial e primordial da firmeza e desenvolvimento da revolução.

— Mas, como proceder para organizar a produção, quando a contra-revolução ataca por todos os lados, quando não se tem exercido para a combater, nem um centro político para coordenar e guiar os actos do povo revolucionário? Numa palavra: como é possível consolidar e desenvolver as posições da revolução sem um estado operário que disponha das forças políticas, militares e administrativas necessárias? Poderá cada sindicato operário possuir órgãos próprios de aprovisionamento, um exército próprio, etc.? — (*Argumentos de G. Zinoviev citados no seu relatório ao segundo congresso da Internacional comunista*).

Todas aquelas perguntas tinham um só objectivo: desvirtuar a causa viva da revolução dos trabalhadores, demonstrando assim claramente que um político jamais poderá ser senão um político, infinitamente estranho à essência da revolução social.

O fundo da revolução social tem um aspecto positivo e criador. A parte militar combativa e destrutiva é o seu aspecto negativo. É verdade que a revolução não poderá começar senão por esse aspecto destrutivo. Será obrigada a desembarçar o caminho para a realização dos seus fins fundamentais e positivos; será impossível construir uma nova via antes de se aniquilar um inimigo tão perigoso e irreconciliável como é o Estado com todos os seus órgãos. É justamente desse trabalho que cuidarão em primeiro lugar os organismos revolucionários dos trabalhadores, operários e camponeses, e seus exércitos revolucionários. E não será senão este facto — o início da obra essencial da revolução social — o estabelecimento duma vida livre e independente dos trabalhadores. Tudo dependerá, pois, do que constitui nesse momento o objecto principal do pensamento e da atenção das massas. Não saberíamos insistir bastante sobre este ponto: se as forças da revolução se concentrassem no lado da parte política e administrativa da questão, acabariam por criar um sistema estatista que sufocaria todos os germes positivos da revolução, subordinaria todas as suas forças e satisfazia-se consigo mes-

mo, existiria para si. A história da revolução russa oferece-nos um exemplo notável.

Está fora de dúvida que os fins positivos da revolução russa fracassaram justamente porque nela se introduziram os princípios estatistas. Em plena revolução, os bolchevistas criaram um sistema estatista. Não obstante, não foram eles que dirigiram esse sistema; esse sistema é que os arrastou a eles; e esse sistema nem foi posto ao serviço da revolução, antes pelo contrário; a revolução foi submetida a esse sistema, criado pelo seu capricho.

O sistema estatista está caracterizado por este traço saliente: se consegue apoderar-se duma posição, por pouco excelente que seja, não a abandonará nunca de bom grado antes fará tudo por nela se manter; preparará até à última extremidade, procurará difundir-se, estender-se e submeter a sua influência a todas as manifestações da vida. É o que vemos na revolução russa. O mesmo perigo ameaça os sindicalistas que, como Monmousseau e alguns anarco-sindicalistas russos, não podem decidir-se a abandonar a ideia dum período político transitório e preocupam-se com a constituição dum novo sistema político correspondente aos abalos iminentes nas condições da produção. Este sistema, que parece modesto no começo e apenas provisório, deverá ampliar-se de submeter à sua autoridade todas as manifestações vitais e acabará por sufocar os germes positivos da revolução, para se satisfazer a si mesmo, para existir para si, tal qual como o sistema leninista.

No entanto, o sentido do sindicalismo revolucionário reside justamente nisto: estar baseado sobretudo no aspecto positivo e criador da revolução.

Este aspecto compreende quatro pontos cardiais, e da solução justa destes problemas depende o êxito da revolução.

São eles:

- 1.ª — A Associação e o emprego razoável de todas as forças da revolução;
- 2.ª — A questão agrária;
- 3.ª — A questão industrial (a indústria e os transportes);
- 4.ª — A questão do aprovisionamento.

A questão essencial da revolução social, sobretudo nos países em que a indústria chegou a um elevado grau de desenvolvimento, consiste na organização de uma produção unificada e baseada nos princípios do *self-government* operário; este problema não pode ser resolvido duma maneira satisfatória sem que a questão mais geral do aprovisionamento o seja também. Esta última, especialmente, não encontrará solução adequada fora da questão agrária e da questão relativa à organização e à aplicação de todas as forças revolucionárias.

Logo nos primeiros dias a revolução social desenvolver-se há dentro de duas condições que lhe garantem um êxito completo: o poderoso impulso revolucionário dos trabalhadores e a possibilidade de usar livre e inteiramente dos recursos materiais do país para as necessidades da causa.

A organização da produção operária é perfeitamente possível na Rússia. Será pois ainda mais possível em um elevado grau de desenvolvimento, onde os proletários estão unidos há longo tempo em vastos sindicatos e são muito mais ricos em conhecimentos técnicos. Só surge a questão de saber como proceder para evitarem, tanto quanto possível, os erros, por onde começar? É evidente que o operário a vasta empresa, que deve recorrer a outros elementos das massas trabalhadoras para conseguir os viveres e matérias primas, para opor uma resistência armada à burguesia que atacará o seu defender, etc. É aqui que aparece toda a importância da organização e da aplicação adequada das forças da revolução.

O critério de um trabalhador acerca da emigração

Sendo o seu conceituado jornal o intérprete do sentir do povo que trabalha e produz, e consequentemente, o que mais sacrificado e desprezado vive, permita-me v. que venha solicitar-lhe a publicação desta carta.

Quasi toda a imprensa de Lisboa, especialmente a burguesa, protesta contra as constantes levadas de emigrantes que vão tentar fortuna em terras de Santa Cruz, onde a maior parte encontra só privações e misérias. É certo que isto sucede, mas alguns sempre vão encontrando trabalho remunerado e certas garantias, coisa que neste desgraçado país não se oferece. Pois pode lá, actualmente, poder-se viver neste país, à mercê dos exploradores sem critério nem moral que, aliados à ganância feroz e vil, tudo conseguem dos poderes públicos para mais e melhor triunfarem com a sua divisa — enriquecer! A vida a encarecer consideravelmente, sem motivos que o justifiquem, pois que há tantos géneros no estrangeiro e qual a razão que os não deixam entrar em Portugal? É sem dúvida para mais à vontade se encherem esses bandos exploradores da humanidade que, criminosamente, tudo conseguem, mercê da sua alta influência nos arraiais da porca política. Por isso, os trabalhadores fazem bem, empregando a sua actividade onde melhor recompensem o seu trabalho.

Quem, por infelicidade, for para as Colónias, onde existem grandes terrenos à espera de que os vão cultivar, com vontade de trabalhar, morre à míngua de recursos porque o Estado não auxilia ninguém. Ora pois, uma sociedade desorganizada abandonada. Lógico e natural.

José Maria CAVACO

CONFERÊNCIAS

Tribunal de Arbitros e Jornalistas

Em virtude de ter adoecido com um ataque de gripe, o dr. sr. Humberto Pelágio, a conferência que lhe devia realizar ontem no Sindicato dos Profissionais da Imprensa, sob o tema «Tribunal de Arbitros e Jornalistas», ficou adiada «sine-dia».

Luta de classes

A greve do pessoal da Litografia Nacional mantém-se heroica e indefectivelmente

Há onze semanas, que os componentes do quadro litográfico das oficinas da «Nacional» do Porto se declararam em greve, por motivo duma justificadíssima reclamação de equiparação de salários, que constitua uma antiga aspiração daquele pessoal, sempre contrariada, velhada e usurariamente, pelos chamados proprietários das oficinas e material, com sede em Malmeiradas.

Estes opulentos industriais, os mais ricos no país, em toda a indústria gráfica, são ao mesmo tempo, por isso mesmo, os mais avaros, mesquinhos e miseráveis de todos os patrões conhecidos.

E, por isso, que eles tem hoje, num momento em que a carestia da vida sobe de ponto, contra si, condenando-lhes a sua malévola, jesuitica e mais que desumana atitude, todo o operariado organizado e consciente do país.

Sim! A luta dos litógrafos da «Nacional» tem sido verdadeiramente valorosa, firme, enérgica e persistente, não havendo, até à data, uma só defeição entre bastantes dezenas de combatentes.

Os litógrafos em luta possuem um autêntico espírito de resistência contra as investidas patronais. Mas tem, ainda, a secundária, eficientemente, todos os seus colegas das demais litografias em laboração, que se sacrificam, admiravelmente, para sustentar os camaradas em litígio.

Ao seu lado estão também os seus colegas lisboenses, e de todo o sul do país, fazendo causa comum com eles; ao seu lado, está, moralmente, toda a população operária do Porto que diz estar entregue àquele núcleo de operários em luta, alguma coisa que representa e influe nos destinos da organização proletária citadina.

Sob os auspícios duma tão poderosa influência, a greve continuará, de cada vez, com mais ânimo, valor e coragem, por tanto tempo quanto o que for necessário para alcançar uma vitória retumbante, pela satisfação completa e integral das suas reclamações e conseguindo dominar hercúleamente o mais feroz inimigo das classes trabalhadoras e da organização sindical, representado na tenebrosa firma: Sousa & Filho.

Para demonstrar os seus maus instintos, já os srs. «Sousas» fizeram constar ao seu antigo pessoal de que o mesmo haveria de «passar uma boa consoad», vangloriando-se em fazer prolongar o conflito para se vingarem, provocando a miséria pelo aumento de privações no lar de cada um e augurando, perversamente, malvadamente, um Natal triste, negro, faminto, àqueles à custa de quem se tem fartado de avolumar a fortuna escandalosamente. Feras!...

Mas, tal não acontecerá, e não acontecerá porque a classe litográfica o não consente, e saberá continuar cumprindo com todos os seus deveres de solidariedade moral e material, a fim de que nada falte aos seus denodados companheiros em luta, os quais tem assegurado um subsídio mínimo correspondente a três dias de salário, por semana, subsídio este, que será elevado a quatro dias nas semanas do Natal e Ano Novo, conforme resolução da última reunião magna da classe, o que depõe exuberantemente, sobre a solidariedade inquebrantável que tão fraternal e intimamente liga todos os litógrafos do Norte, coadjuvados por todos os seus colegas do país e estrangeiro.

Adentro das oficinas interditas, que se encontram quasi paralisadas, apenas estão continuando a fazer um simulacro de trabalho, rodeados duns inconscientes aprendizes, uns dois miseráveis tartufos, sendo um deles, o traidor impenitente e o subjuo perpetuo que dá pelo nome de Damião «Caganeta», e, o outro, é um transgua e delecto do movimento operário que diz chamar-se Eduardo Delié Fernandes, o qual foi propostamente de Lisboa para atrair os seus colegas em greve.

Estes dois facinoras, ligados a um tal Magina, fanático devoto de Bicho, têm desempenhado o papel mais repulente e indigno que é possível imaginar-se, conluando-se para traír os seus companheiros e para lhes causar o maior mal que podem, e ainda por cima... ameaçá-los agressivamente.

Mas, estes três escalrachos lamentados da grafia são tão corajosos e rasteiros que fogem como as corujas da luz de dia, fazendo da oficina taberna e albergue, não vá o Diabo ser tendeiro... que os sirva.

De resto, a sua infamíssima conduta, só tem servido para os vexar e deprimir perante toda a gente de bom senso; e, só tem contribuído para aumentar a efervescência da classe gráfica, cujo espírito revolucionário é cada vez mais consistente, cuja solidariedade é mais forte e cuja união se torna dia a dia mais firme e indestrutível.

A luta operária no estrangeiro

A situação dos mineiros Ingleses

LONDRES, 10.—A associação dos proprietários mineiros aprovou a formação de comissões mistas por povos, com representantes dos trabalhadores. Segundo o «Morning Post» 200.000 ex-grevistas mineiros continuaram sem trabalho, até que a Inglaterra recupere os mercados perdidos durante a greve.—L.

Os mineiros polacos agitam-se

VARSOVIA, 10.—A conferência dos mineiros de carvão deliberou preparar-se para a greve, no caso das suas reclamações não serem inteiramente satisfeitas.—L.

A questão da pesca

A Associação Comercial de Vila Real de Santo António, enviou ontem ao governo o seguinte telegrama: Para salvaguarda e repovoamento nas nossas costas entende que o governo português deve assentar com o governo espanhol, na proibição absoluta durante o período da desova da sardinha que vai começar, pois qualquer deliberação entente que deve ser tomada de acordo com o governo espanhol.

Vida Sindical

C. G. T.

Comissão de estudo à «Batalha»
Reúne hoje, pelas 21 horas, para seguimento dos seus trabalhos, na C. G. T.

Comissão de estudo à «Batalha»

Reúne hoje a comissão, pelas 21 horas, na C. S. T.

Comunicações

S. U. da C. Civil.—A comissão administrativa, cujas reuniões ordinárias se efectuam às quintas-feiras, apreciou um ofício do Rio de Janeiro ao qual vai responder e uma circular do Comité Pró-Pressos Sociais convidando-o a aderir a uma conferência nacional que vai realizar-se. Resolvido aderir.

Na última reunião foi lido um ofício do Sindicato de Chaves e tomado conhecimento da importância destinada ao camarada Rocha, sendo resolvido mandar-lhe essa importância para África logo que se saiba o seu endereço.

Resoluiu realizar uma sessão solene no dia 4 de Janeiro, comemorando o aniversário do Sindicato.

Tratou outros assuntos de carácter administrativo.

Compositores tipográficos.—Reuniu a assembleia geral deste Sindicato, para continuação dos trabalhos encetados na reunião de 2 do corrente. Aberta a sessão é lida uma carta do camarada António Correia Lemos, na qual este camarada expõe as razões da sua conduta e a situação precária em que se encontra. Sobre esta carta fizeram uso da palavra vários camaradas, depois do que foram dados plenos poderes à direcção para resolver este assunto.

Em seguida foi lido e apreciado um ofício de Adriano Fernandes Vilar, sobre o qual se pronunciaram vários camaradas, sendo em seguida aprovada a seguinte proposta de António Rodrigues de Carvalho: «A assembleia geral do Sindicato dos Compositores Tipográficos, considerando que o colega Vilar, ao ser convidado a vir justificar a sua atitude, não só não compareceu como enviou um ofício em que faz acusações graves para os membros da direcção, a assembleia resolve suspender o colega Vilar, até que venha expor os motivos da sua atitude e reitere a sua continuação nos membros da Direcção e continua na ordem dos trabalhos».

Devido ao adiantado da hora a sessão foi suspensa para continuar na próxima terça-feira, 14 do corrente.

Convocações

REÚNEM HOJE

Manifesteres de calçado.—A assembleia geral para continuação dos trabalhos pendentes.

Reunião de Federações.—A comissão delegada, às 21,30 horas.

Sindicatos da província

Construção Civil de Ponte de Sôr.—Reuniu-se a assembleia geral, que nomeou uma comissão para se avistar com o administrador do concelho, ao qual vai reclamar o cumprimento do horário de trabalho, nomeando também, para o mesmo efeito, dois fiscais. A assembleia geral volta a reunir-se no dia 13 do corrente, para eleição de corpos gerentes.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Sindicato dos Manipuladores de Pão de Lisboa

Realiza-se amanhã, no Sindicato dos Manipuladores de Pão, calçada de S. João Nepomuceno, 42, 1.ª, promovida pela União Musical Infantil (anta Maria Adelaide), instituição de instrução e beneficência infantil com sede na travessa da Arrábida, 8, por ocasião do seu primeiro aniversário, uma festa dramática e musical dedicada à classe dos Manipuladores de Pão, na qual se promove a Festa da Flor, cujo produto da venda reverte a favor dos sinistrados do Faial. Atrilhanta esta festa uma tropa de bandolistas sob a regência do sr. Silvino Luís Gama.

O programa dispõe a representação do episódio dramático «O Conflito Europeu», canção nacional, monólogos, canções, variedades e, no final, um baile.

Associação Protectora da Primeira Infância

Realiza-se amanhã, pelas 15 horas, na sede própria, largo do Museu de Artilharia, 2, a festa comemorativa do 25.º aniversário da fundação da Associação Protectora da Primeira Infância. Em sessão solene, serão distribuídos prémios às mães e brinquedos e enovais a todas as crianças protegidas.

Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto

Promovida pela Secção dos Manipuladores de Pão e comemorando a passagem do 1.º aniversário da sua Escola de Instrução, Primária, realiza-se no próximo domingo, pelas 15 horas, uma sessão solene.

Efectuar-se-á o sorteio dum objecto de Arte, que devia ter sido sorteado no aniversário da Secção e que, por motivos de força maior, ficou adiado para agora.

Farão uso da palavra diversos militantes da organização operária.

DISTRITO DE PAZ

Vai ser criado um distrito de paz na freguesia de Soza, concelho de Vagos.

A junta de freguesia de Mata Mourisca, concelho de Pombal representou ao ministro da Justiça pedindo que seja criado um distrito de paz com sede na freguesia da Guia do mesmo concelho.